

Computar na Vida e Computar nas Ciências, nas Tecnologias, ou nas Artes (desafios sobre algumas poéticas do interagir)

Luiz Ernesto Merkle¹

O que é fazer pesquisa em IHC?

Roberto e Isabela, primeiro obrigado pelo convite. Foi uma grata surpresa. Eu gostaria de estender a pergunta, pois sempre me questiono se não existem muitas “IHCs”. Parto do princípio que ensinar e aprender, desenvolver e se desenvolver, ouvir e compreender, mas também duvidar e desafiar, enfim educar, construir e reconstruir, quando se têm por mediações o computar – ou os computadores – por pessoas e comunidades, em diferentes momentos, lugares, com diferentes valores e interesses também se trata de busca pelo conhecimento, de pesquisa. Mas isto requer a assunção de múltiplas formas de fazer pesquisa, e não de apenas uma.

Os estudos das interações mediadas pelas tecnologias do computar, do comunicar, do automatizar, englobam uma rede articulada, mas parcialmente desconexa e dispersa, de distintas comunidades, fundamentadas por igualmente díspares focos, histórias e áreas do conhecimento. Nem sempre estas comunidades conversam entre si, principalmente face a pressões acadêmicas e profissionais que nos direcionam cada vez mais apenas para a produção intelectual ou de produtos, sem diálogo, sem troca. Tais processos podem se desdobrar em alienação e insularidade muito facilmente, tanto na academia como na indústria, mesmo quando estas comunidades se apropriam de conhecimentos desenvolvidos em outras áreas, favorecendo uma certa forma de interdisciplinaridade, e em parte afetando seus saberes, seus fazeres e seus quereres, mas de formas demasiado tímidas pra configurar um diálogo problematizador, uma transformação.

Neste horizonte, fazer pesquisa em interação pode ter muitas respostas, dependendo da comunidade de onde você vem, com quem você se dispõe a trabalhar, ouvir e dialogar, e quão aberto/a você é para partilhar tanto seu processo de trabalho, como seus resultados. Eu responderia que a resposta a o que é fazer pesquisa em Interação que depende de quem pergunta, de como esta pessoa reconhece distintas participações, sob quais lentes, em qual divisão de trabalho, com que propósitos.

O que você considera como sendo um bom trabalho de pesquisa em IHC?

Os estudos das interações já são muitos, tanto mais ao norte, quanto no entorno e ao sul do equador, inclusive no Brasil.

¹ UTFPR DAINF PPGTE XUÊ – Curitiba/PR.
merkle@utfpr.edu.br

No Brasil, por exemplo, existem comunidades consolidadas em parte representadas por conferências e associações ou grupos de interesse que fornecem exemplos contundentes e de qualidade revisada por pares de pesquisas. Sem almejar se chegar a um lista exaustiva, listo algumas delas para ilustrar o ecletismo que os estudos do interagir, por meio do computar, podem abarcar. Os eventos em Interação Humano-Computador geralmente congregam uma população estável de pesquisadoras e pesquisadores afiliados a departamentos acadêmicos de Computação (vale ver o grupo de interesse especial da Sociedade Brasileira da Computação). Já, os simpósios de Design de Informação, aglutinam pessoas com atuação e formação que vem da área de Design Gráfico, alguns e algumas com experiência em tipografia, mas voltados ao suporte digital, ao design web (vale ver a Sociedade Brasileira de Design da Informação), principalmente com vinculação acadêmica. O foco no projeto tendo como método a avaliação do uso tem agregado principalmente profissionais em capítulos como a User Experience Professionals Association (UXPA), capítulo de Curitiba ou São Paulo, dedicados a usabilidade e à experiência de usuário. Uma quarta frente, vinculada ao Design de Interação, tem se direcionado ao desenvolvimento de artefatos interativos por profissionais com formação em Design ou Design Gráfico (ver Interaction South America e IxDA), com ênfase em um conjunto diversificado de suportes, da web a interfaces para telefonia móvel. Profissionais de ergonomia, geralmente com formação e Design de Produto, se encontram no Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-tecnologia (Ergodesign).

Mas a lista não se resume a estes, claramente ligados ao estudo do uso, da interação, e vinculados à Computação e ao Design. Outras associações e temas também servem de foro de compartilhamento de conhecimentos na área, como a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (Comunicação), em Cultura ou Comunicação Digital (Comunicação), Informática na Educação (Computação e Educação), Educação a Distância (Diversos), Direito Digital (Direito), as Humanidades Digitais, e uma miríade de outras áreas que tem emergido na medida que áreas já reconhecidas se apropriam de tecnologias computacionais, do digital, em suas pesquisas, se assumem diferenciadas, e são reconhecidas.

Rogers, Bannon e Button (1994) fazem uso da metáfora de uma crescente cottage industry para descrever teoria em IHC, tal qual uma indústria de pequenos agricultores que desenvolvem laticínios com base em sua própria produção e equipamentos, na medida que que o leite talha, para descrever a área. O estudo do computar na vida, pelo que tantas iniciativas deixam entrever, é muito maior do que a academia, indústria ou mesmo a sociedade reconhecem. É necessário encarar este horizonte sem receio.

Eu particularmente, venho trabalhando, confesso um tanto que periféricamente à IHC, em um programa de pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, e em prol de uma educação mais interdisciplinar em Computação, em nível de graduação. Em particular, trabalho em uma corrente que mais recentemente articula algumas preocupações e temas que veio a se caracterizar com terceira onda em IHC, desde minhas primeiras leituras a três décadas atrás. Me identifiquei muito com a adjetivação que Bardzell e Bardzell atribuem ao tipo de trabalho que faço, ao chamá-la de humanistic HCI, agora em 2016, qualificação que se

fundamenta na exploração de conhecimentos das humanidades para se estudar, questionar, fazer, e almejar diferentes modos e tecnologias de computar, no cotidiano, em situações e momentos concretos, por pessoas e comunidades.

Quais desafios e oportunidades você enxerga nas pesquisas em IHC?

Embora algumas pessoas circulem por mais de uma destas áreas anteriormente citadas, entendo que as pressões por publicação, e as restrições de formação hoje exigidas em concursos ou ofertas de emprego, representam um fator desagregador importante. Profissionais, educadores/as, ou pesquisadores/as que almejam uma colocação, por mais que estejam abertos e abertas, trabalhem ou desejem trabalhar interdisciplinarmente, precisam considerar o quanto podem ceder a tais pressões disciplinarizantes e disciplinarizadoras, e o quanto podem desviar delas. Lembro por exemplo que algumas destas subáreas do conhecimento, dentro das taxonomias dos órgãos de fomento e aperfeiçoamento ainda não são sequer reconhecidas oficialmente, exigindo destas pessoas uma luta constante mesmo dentro de suas subáreas para serem reconhecidas.

Entretanto, as oportunidades são muitas, e parte desta explosão e dispersão de subáreas se nutre justamente das possibilidades que tais “computares” viabilizam nas e para as mais diversas circunstâncias e propósitos junto as sociedades. Isto amplia sobremaneira o leque de possibilidades de atuação profissional, mas é preciso ter em mente que o questionamento de teorias e práticas subjacentes varia de área para área. Por exemplo, conforme os cânones de cada uma, considerar o computar, o digital, para uma pesquisa pode ser mais facilmente reconhecido em uma área mais próxima das ciências humanas, do que contemplar os aspectos humanos no desenvolvimento ou avaliação das tecnologias computacionais em uma área mais próxima as ditas exatas. Geralmente as comunidades acadêmicas mais mantêm tais fronteiras do que as questionam.

Que dicas, sugestões, conselhos, você daria a um/a estudante que estivesse começando seu mestrado/doutorado?

Esta parece mais fácil de ser respondida do que praticada. Eu diria para seguir seus sonhos, buscar conhecimentos em outras áreas, desde que estes lhe permitam transformar para melhor as sociedades em que trabalha. É urgente ser menos ingênuo/a, menos conservador/a, mas também mais crítico, arriscar mais, mas também se preparar, buscando sempre compreensão, sistematicidade, rigorosidade e aceitação mais densas de outras áreas, de outras pessoas, de outros modos de construir o conhecimento, de compreendê-lo, praticá-lo e desejá-lo, como nos ensinam Vieira Pinto e Freire. Não há projeto sem uso e projetista sem utente, não há concepção sem experiência, não há computação sem computar, não há atividade sem interação. Tais relações, senão concebidas como dicotomias, exigem o difícil e desafiador exercício do reconhecimento de que nossa própria constituição enquanto pessoas passa necessariamente pela alteridade, pela outridade, pois são estas que nos alimentam, são as diferenças que fazem diferença em nosso viver, e por desdobramento, em nosso educar/pesquisar.



Luiz Ernesto Merkle é educador na UTFPR Curitiba em Informática (DAINF) e em Tecnologia e Sociedade (PPGTE). Minha educação formal se deu nas áreas de eletrônica, informática industrial, e computação. Minha informal é bastante eclética. Trabalho pelo educar, pelo computar e pelo interagir progressista, problematizador, descolonizador, plural, aberto, estes sempre pautados no reconhecimento da alteridade e na necessidade de liberdade, de autonomia e de esperança para o aprender, para a construção coletiva de si, das sociedades, de sua cultura material e simbólica. Trabalho pela participação de grupos historicamente subalternizados, por uma virada humanista na Interação Humano-Computador e no Design de Interação, por uma educação em Computação mais interdisciplinar, menos conservadora. Tenho apreço pela educação em informática, pela fundamentação histórica e pela diversificação da participação de grupos subrepresentados na IHC e na Computação, pela compreensão e pela circulação da obra de Álvaro Vieira Pinto, pelas tecnologias livres e por uma educação sem barreiras, se elitismo, sem preconceito. Atuo nos grupos de pesquisa CHTS e Xuê.